Resenha

MACHAVA, Benedito. *The Morality of Revolution: Reeducation Camps and the Politics of Punishment in Socialist Mozambique, 1968–1990*. Athens: Ohio University Press, 2024.

João de Regina[1]

O livro *The Morality of Revolution: Reeducation Camps and the Politics of Punishment in Socialist Mozambique, 1968–1990* (2025), de Benedito Machava, constitui a primeira análise sistemática dos campos de reeducação em Moçambique. Até então, esse expediente compulsório surgia na bibliografia sobretudo como episódio associado a outros processos, como as aldeias comunais, como parte de ensaios críticos sobre o aparato repressivo pós-independência, ou ainda como objeto literário em obras como *Campo de Trânsito*, de João Paulo Borges Coelho, e *Entre Memórias Silenciadas*, de Ungulani Ba Ka Khosa. Com a publicação de *The Morality of Revolution*, os campos de reeducação passam a receber uma descrição e uma análise de alcance inédito.

[1] João De Regina é doutorando e mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É integrante do Projeto Historiografia da Antropologia e do Centro de Estudo de Migrações Internacionais (Unicamp).

Lembro-me de quando escrevia minha dissertação de mestrado, sobre Inhassune, localidade onde o trabalho de Machava indicou ter funcionado o primeiro centro de reeducação em Moçambique[2]. Grande parte dos acadêmicos envolvidos com Moçambique que conheci, aguardavam com expectativa a defesa de sua tese, realizada em 2018. Não era por acaso. Havia o reconhecimento geral de que os campos de reeducação configuravam um objeto obscuro, cercado por silêncios, rumores, alusões evasivas e referências breves. Um estudo sobre a arquitetura institucional e ideológica dos campos de reeducação, como o que Machava se propôs, era reiteradamente anunciado como uma necessidade.

Existiam muitas dúvidas quanto à possibilidade de se obter informações, especialmente documentais, que permitissem um estudo suficientemente abrangente. Presumia-se que o controle sobre os arquivos, ainda exercido pelo Estado moçambicano, dificultaria tal investigação. A alternativa da história oral também não era muito encorajada. Supunha-se que a dramaticidade dos eventos silenciaria as vítimas. Ainda que, Omar Ribeiro Thomaz[3] já havia demonstrado que, ao menos em certos contextos rurais, não só era possível conversar com pessoas sobre suas experiências em campos de trabalho, como essas vivências possuíam importância em suas relações de pertencimento e em como elas refletiam sobre os tempos. Mas, de fato, diversas ordens de limitações faziam da ausência de uma pesquisa nacional sobre a reeducação um tema em si. Com certa frequência participei de discussões sobre os motivos que levaram a literatura e o cinema moçambicano abordarem a vida dos "reeducandos" com mais liberdade e anteriormente as monografias acadêmicas. Não por acaso, Machava, ao descrever seu acesso ao tema, fontes e campo, afirma que inicialmente imaginou que sua pesquisa seria baseada inteiramente em fontes orais, jornais e representações ficcionais.

[2] Inhassune é uma povoação situada na planície homônima, entre os distritos de Panda e Inharrime, na província de Inhambane. Foi ali que em 29 de outubro de 1974, apenas nove dias após a instauração do governo de transição, a Frelimo instalou o primeiro campo de reeducação. Cf. MACHAVA, Benedito. *The Morality of Revolution: Reeducation Camps and the Politics of Punishment in Socialist Mozambique, 1968–1990*. Athens: Ohio University Press, 2025, p. 57

[3] Omar Ribeiro Thomaz, "Escravos sem dono": a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista, *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 177–214, 2008.

No entanto, Machava construiu uma sólida rede de informantes, e também desvendou em meio a pilhas de documentos não catalogados, conhecido como *arquivo morto*[4], registros como circulares confidenciais, atas de reunião, resoluções do partido-estado sobre campanhas de limpeza e sobre o programa de reeducação, relatórios sobre a administração dos campos, listas de detentos e supostos crimes cometidos[5]. A conexão entre os depoimentos e a análise documental permitiu seguir a pista de que não só a irmã de Samora Machel fora enviada ao centro de reeducação de M'sawize, como também sua filha de dezessete anos e uma sobrinha foram enviadas a campos no Niassa, acusadas de práticas como hedonismo e gravidez fora do casamento, agrupadas sob a categoria de corrupção moral. Essa informação tem importância não apenas metodológica, mas funciona como evento de abertura que orienta o leitor para o argumento estruturante do livro: os campos de reeducação, as campanhas de limpeza e as operações de deslocamento forçado revelam a natureza da própria Frelimo e do experimento socialista em Moçambique, no qual a construção do Estado e do "Homem Novo" passava necessariamente por temas de intimidade, comportamento, cultura em chave voluntarista e, consequentemente, moralidade.

É comum analisar os expedientes socialistas em matrizes explicativas englobantes, sobretudo a partir da imagem dos Gulags após a Segunda Guerra Mundial. Uma das forças de *The Morality of Revolution* é mostrar a insuficiência desse modelo para compreender Moçambique. O envio de familiares de Machel e de outros dirigentes aos centros por motivos como gravidez fora do casamento, roupas inadequadas ou supostos vícios burgueses conferiu ao programa o caráter de cruzada moral. É por essa lente que o livro desvenda a arquitetura administrativa dos campos,

[4] Em Moçambique, a expressão "arquivo morto" refere-se a locais onde se armazenam, de forma temporária, documentos sem validade administrativa imediata, que podem ser posteriormente destruídos ou transferidos para arquivos permanentes. Frequentemente improvisados em porões úmidos e malconservados, esses espaços acumulam não apenas documentos, mas também móveis, máquinas de escrever e outros resíduos materiais da burocracia estatal. A ausência de políticas arquivísticas consolidadas compromete décadas de memória institucional e pública, exposta ao risco de deterioração irreversível. Cf. Benedito Machava e Euclides Gonçalves, *The dead archive: governance and institutional memory in independent Mozambique*, *Africa*, v. 91, n. 4, p. 553–574, 2021. DOI: https://doi.org/10.1017/S0001972021000425.

[5] Machava, *Op. Cit.*, p. 24.

destacando suas diferenças em relação a outros modelos concentracionários e suas especificidades. Essa análise contribui para a história de Moçambique e, ao mesmo tempo, dialoga com debates mais amplos sobre a variedade de experiências socialistas e sobre as instituições disciplinares da modernidade.

O primeiro capítulo, *Revolutionary Morality and the Struggle for Mozambique, 1968–1974*, examina as raízes da tese central do livro: a moralidade como eixo do socialismo moçambicano. A ideologia de reforma da Frelimo combinava valores nativistas herdados das missões protestantes, a influência do maoismo e uma tradição de elites africanas que vinculavam trabalho à elevação moral. Ao rastrear essas continuidades, Machava evita leituras que reduzem o socialismo moçambicano a simulacros de modelos externos. O capítulo identifica a ascensão de um samorismo que unia marxismo, fervor moral e retórica messiânica, tendo em Nachingwea, no sul da Tanzânia, seu principal laboratório: centro de treinamento militar e disciplinar onde se forjou o ideal do Homem Novo e se anteciparam práticas e concepções de produção e e punição de inimigos internos.

No segundo capítulo, *Birth of the Reeducation Pipeline, 1974–1976*, Machava analisa o início do programa nacional de reeducação, quando a lógica disciplinar da luta armada passou a enquadrar "desviantes morais" nas cidades. A *Operação Limpeza* (1974) visou prostituição e cultura boêmia em Lourenço Marques, elegendo a mulher urbana independente e o "vadio" como inimigos internos. O julgamento de Nachingwea (1975), que incluiu a célebre confissão de Uria Simango, consolidou um modelo retórico de autocrítica pública e inauguração de uma cultura de punição. Nesse contexto, categorias como prostituição, feitiçaria e alcoolismo foram criminalizadas e ganharam corpo no personagem gráfico *Xiconhoca*. O capítulo também antecipa as tensões jurídicas da formalização do programa, sobretudo no parecer de Teodato Hunguana, que expôs o impasse entre moralistas salvacionistas e tecnocratas defensores do Estado de Direito. A amplitude das categorias incriminadas e a ausência de critérios objetivos colocavam em risco liberdades constitucionais, revelando as contradições entre legalidade e reeducação.

O capítulo 3, "*These Moral Deserters Must Be Reeducated": Political Consolidation, Development, and the Punitive State, 1977–1983*, analisa como o discurso da reeducação, inicialmente marcado por um tom salvacionista, se transforma com a consolidação do Estado moçambicano. A partir do Plano Prospectivo Indicativo (PPI), apresentado por Samora Machel em 1981, a Frelimo passa a vincular reeducação à produtividade e ao desenvolvimento econômico. Prostitutas, vadios e desempregados são reclassificados como "desertores morais" e obstáculos à modernização, devendo ser removidos das cidades e enviados ao campo para trabalhar. Machava mostra como essa inflexão preparou o terreno para a Operação Produção, lançada oficialmente em 1983, quando milhares de pessoas consideradas "improdutivas" foram detidas sem julgamento e deportadas para regiões rurais remotas. A operação articulou estruturas estatais e militantes de base, funcionando como um grande expurgo urbano que tratava a pobreza como uma falha moral e o desemprego como crime, consolidando o entrelaçamento entre projeto desenvolvimentista e punição política.

O capítulo 4, *Vigilante Citizenship and the Politics of Denunciation, 1974–1984*, examina o papel fundamental da delação e da participação popular na operacionalização das campanhas punitivas do Estado moçambicano. Machava argumenta que, diante da precariedade dos recursos estatais, foi a mobilização das redes sociais, comunitárias e informais que tornou possível a identificação e expulsão em massa de "inimigos internos". A cidadania vigilante, assim, tornou-se o pilar da moralidade revolucionária e da construção do Estado. Nesse sentido, o autor se alinha à historiografia que evita explicações monolíticas sobre o poder estatal em experiências socialistas, como a de Wendy Goldman[6], que ao estudar as campanhas repressivas da União Soviética nos anos 1930 em sindicatos e fábricas, mostrou como o terror estalinista se deu por meio de uma interação dinâmica entre ordens do partido e a ação de trabalhadores comuns, com interesses próprios. Em Moçambique, isso se expressou em práticas de autopoliciamento, denúncias motivadas por conflitos pessoais e no entusiasmo popular pelas campanhas de limpeza.

[6] GOLDMAN, Wendy Z. Terror and Democracy in the Age of Stalin: The Social Dynamics of Repression. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

O capítulo 5, *Reeducation Camps, Austerity, and the Carceral Regime*, analisa os campos de reeducação com base em documentos da Direção Provincial dos Serviços de Reeducação em Niassa (DPSRN) e em entrevistas com ex-detentos. Machava argumenta que esses centros não correspondiam nem à imagem de prisões humanizadas difundida por jornalistas da época, nem ao modelo panóptico aplicado por acadêmicos às aldeias comunais. Austeridade e precariedade transformaram-nos em campos de abandono, onde os próprios detentos construíam instalações, produziam alimentos e realizavam vigilância interna. Documentos oficiais revelam que a maioria foi enviada sem julgamento formal, muitas vezes apenas por suspeita, cabendo às direções locais decidir sobre sua destinação. Alguns oficiais, como André Trabuco e Francisco Taibo, denunciaram as irregularidades, as arbitrariedades e o descrédito gerado entre a população.

O capítulo 6, *Abandonment and Everyday Life in Reeducation Camps (1974–1982)*, dedica-se ao cotidiano dos campos e representa o momento em que a obra mais se aproxima de uma história "desde abaixo". Mantendo a solidez documental, Machava adota um tom etnográfico para explorar trabalho forçado, precariedade de saúde e educação, escassez de alimentos e roupas, maternidade sob detenção, práticas culturais como música e dança, além das formas de punição e morte. A canção "Bilibiza", composta por Simeão Mazuze (Salimo Muhamed), exprime essa ambiguidade: suas letras exaltam trabalho e cultura, mas sua melodia sugere sofrimento e brutalidade. O capítulo revela como as privações atingiam não apenas os detentos, mas também os carcereiros, todos submetidos a um regime de abandono social.

O capítulo 7, *Wretchedness and Survival during Operação Produção and the Civil War, 1983–1989*, mostra como a Frelimo tentou transformar antigos campos em "Cidades do Futuro", apostando na reintegração de ex-detentos como agentes do desenvolvimento rural. Após a Ofensiva[7], marcada por anistias e fechamento de

[7] A *Ofensiva Política e Organizacional*, lançada em 1979, marcou uma reorientação estratégica da Frelimo que recentralizou o poder político e ideológico em torno de Samora Machel. Nesse contexto, foram fechados diversos campos de reeducação no norte, com a proposta de transformá-los em "vilas

campos, a Operação Produção (1983) retomou a lógica do castigo: milhares de "improdutivos urbanos" foram deportados para regiões remotas sem infraestrutura ou apoio estatal, sobrevivendo em condições extremas. Repórteres compararam a cena a práticas escravistas, sugerindo, como observa Omar Ribeiro Thomaz (2008), uma categoria de "escravos sem dono". O capítulo também evidencia como essas experiências alimentaram a RENAMO: a trajetória de André Matsangaissa, ex-reeducando que fundou a insurgência, e os relatos de recrutamentos clandestinos revelam como a violência e o abandono se converteram em combustível para a guerra. Com o avanço do conflito, os deportados passaram a ser disputados por empresas estatais e milícias rebeldes, ora como mão de obra forçada, ora como combatentes armados para defender a própria detenção. O ataque a Unango e a destruição das "Cidades do Futuro" simbolizam o colapso do projeto estatal, que deixou populações vulneráveis ao fogo cruzado. Ainda assim, Machava encerra com histórias de resiliência, como as de Carlos Sevene e Adelaide Matsolo, que criaram vínculos de cuidado e pertencimento em meio à ruína.

O epílogo acompanha a transição para o período neoliberal e multipartidário, marcada pela morte de Samora Machel, a ascensão de Joaquim Chissano e o abandono dos ideais socialistas pela Frelimo. Os ex-reeducandos e deportados da Operação Produção foram esquecidos: vagavam marginalizados nas cidades do norte, situação agravada pelos Programas de Ajuste Estrutural. A repatriação parcial, conduzida pela Igreja Católica por meio da Caritas, expôs dilemas entre passado e presente, já que muitos haviam constituído novas famílias no exílio. Sem verdade, justiça ou reconciliação, restou a esses grupos administrar sozinhos os traumas de um projeto que prometera regeneração.

Encerrada a leitura do livro, é evidente que estamos diante de um mergulho profundo na história de Moçambique. Mas, como o próprio autor argumenta, seu

produtivas". O que Benedito Machava chamou de "a calmaria antes da tempestade", antecipando a Operação Produção. A tentativa de institucionalizar juridicamente os campos fracassou diante do conflito entre uma ala técnica e outra salvacionista dentro da burocracia da Frelimo. Durante visita ao Niassa, Machel anistiou reeducandos com a expectativa de que permanecessem e contribuíssem produtivamente. A Ofensiva, porém, não representou um recuo, mas sim o fortalecimento da ala moralista, a intensificação das práticas punitivas e a preparação para novas formas de controle social.

ângulo de análise pode iluminar outras experiências de independência africanas. É justamente no terreno do comportamento e da moralidade que o chamado "socialismo científico" da Frelimo se aproximava do "socialismo africano" que por vezes criticava[8]. Esse ponto remete de imediato à Tanzânia de Julius Nyerere, onde a filosofia da *ujamaa* também articulou socialismo e moralidade. A convivência prolongada da Frelimo nesse ambiente intelectual e político torna plausível supor influências decisivas da villagização tanzaniana sobre a formação de Samora Machel e de outros quadros dirigentes. O argumento convincente da influência do maoismo, central no livro, abre espaço para análises mais amplas sobre como diferentes experiências socialistas e processos de independência no continente moldaram as concepções e práticas da Frelimo.

A combinação de diferentes tipos de fontes é um dos pontos fortes de *The Morality of Revolution*. No entanto, o livro oferece uma interpretação da dinâmica social nos campos de reeducação, formulando hipóteses originais sobre o sentido do experimento socialista em Moçambique, ultrapassando em muito o estatuto de ensaio. O que o livro tem sucesso em demonstrar é que aquilo que até então podia ser considerado um tema silenciado na história moçambicana, é, de fato, um objeto central que se articula a outros fenômenos mais estudados do mesmo período, como a guerra civil e os projetos de desenvolvimento. Além do mais, a originalidade de se destacar o aspecto de cruzada moral para o projeto frelimista aumenta a densidade explicativa de outras abordagens centradas em conceitos como modernidade, exclusivismo, desenvolvimentismo por uma longa e rica tradição historiográfica de e sobre Moçambique.

Como último comentário, destaca-se no posicionamento do autor o reconhecimento de que sua obra se inscreve no campo da "história social" comprometida com o presente, inspirado em Ankersmith[9], e com as vozes de atores

[8] A relação entre moralidade e socialismo africano é discutida em um dos primeiros tópicos da introdução intitulado *African Socialism and the Politics of Morality*.Cf. Machava. *Op. cit.* pp. 07-15.

[9] Frank Ankersmit, "Manifesto for an Analytical Political History," in *Manifestos for History*, ed. Keith Jenkins, Sue Morgan, and Alun Munslow (London: Routledge, 2007)

historicamente marginalizados. Após ler o livro é possível pensar nessa declaração ético-metodológica[10] como condição necessária quando o pesquisador enfrenta sofrimentos que extrapolam a violência e se estendem pela vida cotidiana e pelo tempo.

[10] Machava, *Op. Cit.*, pp. 23-24.

Referências Bibliográficas

ANKERSMIT, Frank. Manifesto for an Analytical Political History. In: JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (ed.). Manifestos for History. London: Routledge, 2007.

GOLDMAN, Wendy Z. Terror and Democracy in the Age of Stalin: The Social Dynamics of Repression. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. ISBN 978-0-521-68509-2.

MACHAVA, Benedito. The Morality of Revolution: Reeducation Camps and the Politics of Punishment in Socialist Mozambique, 1968–1990. Athens: Ohio University Press, 2025.

MACHAVA, Benedito; GONÇALVES, Euclides. The dead archive: governance and institutional memory in independent Mozambique. Africa, v. 91, n. 4, p. 553–574, 2021. DOI: https://doi.org/10.1017/S0001972021000425.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Escravos sem dono": a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. Revista de Antropologia, São Paulo, v.51, n.1, p.177-214, 2008.